

## Modernidade, Cultura e Poder: Aspectos da cidade do Recife durante o Estado Novo

Paulo Raphael Feldhues

Mestrando em História Social pela UNB

**RESUMO:** O Golpe de 1937 levou Agamenon Magalhães à interventoria do estado de Pernambuco. A política cultural empregada por Agamenon permitiu que a modernidade consagrasse seus moldes autoritários. Nosso objetivo é analisar a relação entre as práticas cotidianas e a importância dada à visão do outro na sociedade recifense estadonovista, a partir das representações simbólicas contidas em propagandas privadas e eventos sociais do período. Para tal intento, utilizamos as considerações de Leon Rozitchner sobre o pensamento de Sigmund Freud, onde a psicologia é concebida como uma ciência histórica; e os estudos de Pierre Bourdieu acerca das “trocas simbólicas” no seio social.

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura; Estado Novo; modernidade

**ABSTRACT:** The swiipe of 1937 she took Agamenon Magalhães the control from Pernambuco federation. The policy cultural maid for Agamenon has enabled what the modernity anoint yours molds authoritarian. Our objective is analyze the relation between the practices daily and the importance given on the view of the another on Recife’s society of New State’s age , the part from the representations symbolic of advertisements privy and events from society of the period. About to as attentive , uses the deliberations of Leon Rozitchner above the thought of Sigmund Freud , where the psycology is conceived like a science historical ; and the studies of Pierre Bourdieu as for from the “symbolic exchanges” into the innermost social.

**KEYWORDS:** culture; New State; modernity

## 1 - UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

Nossas reflexões têm como centro gravitacional a interiorização do olhar do outro sobre as práticas cotidianas no Recife estadonovista. O estudo torna-se “pensável” na medida em que se alargam as fronteiras da História como disciplina, permitindo “apropriações” e intersecções coordenadas. A reorganização da História no meio das ciências sociais, operada na primeira metade do século XX, foi medida do conjunto de estratégias dos *Annales*, um movimento de maior sensibilidade que preocupação com definições teóricas (REVEL, 1989: 15-17). Marc Bloch e Lucien Febvre, iniciadores do movimento dos *Annales*, rejeitaram o modelo durkheimiano de construção teórica que a abordagem de uma ciência social propunha. Enquanto que a História beneficiou-se do prestígio das disciplinas clássicas, a sociologia, não distante da psicologia, permaneceu ligada ao ensino filosófico (Idem: 24-29). Os rumos tomados pela primeira geração dos *Annales* permitiram deixar como herança uma história interdisciplinar e orientada pelo problema. A tentativa de aproximação com a psicologia é anterior à década de 1950, podendo ser expressa pela *Revue de Synthèse Historique*, de Henri Berr. Parece incoerente ignorar a influência da psicologia histórica de Berr sobre os criadores dos *Annales*. Embora Bloch tenha sido reconhecido como historiador econômico, sabemos que nutriu forte interesse pela psicologia (BURKE, 1990: 34).

Entre as décadas de 1950-60, a História Social, surgindo como abordagem de problemas específicos de comportamento e relacionamento entre grupos sociais, começava a tornar-se hegemônica (CASTRO, in: CARDOSO & VAINFAS, 1997: 47-48). A partir dos anos 1970, a História Social assume nova postura mediante a erupção da consciência de que comportamentos e realidades sociais não são estáticos, trazendo consigo a crise do estruturalismo braudeliano, marxista e funcionalista (Idem: 50).

A relação da História com demais disciplinas, contudo, deve ser posta em termos que possibilite a conservação de seu método explicativo – de caráter essencialmente dedutivo. Diferente das ciências naturais, por exemplo, em História não existem leis, está é, como colocou Runciman, referenciado por Le Goff, uma “consumidora de leis e não uma produtora” (LE GOFF, 1996: 44.). A Historiografia desenvolve muitas vezes seu raciocínio com materiais acolhidos de outros campos do conhecimento, utiliza um “instrumental emprestado” (DE CERTEAU, 2002: 88.), vale-se de conceitos que não criou.

Essa habilidade faz com que Clio seja apreciada pelos outros, às vezes para ser cortejada, às vezes escravizada. Ela quer necessariamente envolver-se em relações com outros ramos da cultura, pois sem eles perderia seu poder de compreender sua própria identidade (SCHORSKE, 2002: 243.).

Duas preocupações colocam-se diante da abordagem aqui utilizada. A primeira vem do pensamento foucaultiano, onde as compartimentações disciplinares são postas em causa em rejeição a um projeto unificador do conjunto. Foucault propõe uma arqueologia das ciências sociais focando a descontinuidade, é a reorganização das fronteiras disciplinares (REVEL, Op.Cit: 37). A segunda vem da “Histoire em Miettes” de François Dosse, denunciando a interdisciplinaridade excessiva a decompor o saber histórico, substituindo “a História” por “as histórias” (DOSSE, 1992: 250-251). “O historiador tornou-se um especialista em ritmos particulares, marginais” (REIS, 2006: 76-77). Assim, ainda que proponhamos mais um encontro entre Clio e outras disciplinas, a conservação da epistemologia histórica manteve-se como inquietação permanente ao longo de toda pesquisa.

## **2 – SOB OS AUSPÍCIOS DA MODERNIDADE**

Ao longo do século XIX, o Ocidente conheceu uma atmosfera de acelerada transformação urbana e cultural. Arte e comportamento foram elementos de visível percepção que atualizaram o período ao novo contexto ocidental. Petersburgo, Viena e Paris são exemplos de cidades que respiraram um misto de particularismo e “universalidade”, suas ruas urbanas ganharam dimensão exterior à porção campestre de seus países. Nestes centros pôde-se encontrar um sujeito mundano, de vida proporcional à sua permanência pelas ruas, revivendo a cada retorno àquele espaço mágico. Nicolai Gogol encontra na Nevski o convívio ambíguo entre real e irreal, expresso unicamente nesta rua da Petersburgo do século XIX. Sexo, dinheiro e amor são desejos reais levando pessoas a buscarem sua satisfação através de outras, mas é ainda devido à intensidade desses impulsos que se produzem, neste espaço, distorções na percepção que as pessoas têm uma das outras e de si mesma (BERMAN, 2005: 225).

Em alguns centros urbanos do Brasil, a passagem do século XIX ao XX intensificou as transformações urbanas.<sup>1</sup> Industrialização, urbanismo e modernização formaram o trinômio ideal dos novos tempos. Embora entre 1866 e 1885 o número de fábricas têxteis passe de 9 para 42 (DECCA, 1991: 21), é apenas com o advento da República que o Brasil tentará, com maior ênfase, penetrar no “moderno sistema de civilização industrial”, refletido na neotécnica anglo-americana (SEVCENKO, 1998: 14 – 15). Com o início do período republicano, a nobreza viu-se extinta levando-a a forjar novos meios de preservar seu *status quo*. Como medidas, a órfã elite imperial estabelece uma titularia honorífica e a difusão do culto à aparência exterior (SCHAPOCHNICK, *In*: SEVCENKO, 1998: 439). A burguesia brasileira, por sua vez, viu no passado um estímulo à modernização e a sofisticação, favorecendo a autopromoção e a “ostentação de indivíduos desenraizados e obcecados em enaltecer sua opulência” (Idem: 496). Os caminhos trilhados pelos grupos burgueses e aristocráticos brasileiros para formulação de seus valores conservou, mesmo sob a ascendência do signo da modernidade ocidental, particularidades. As distinções fazem-se mais claras quando se toma em comparação a burguesia liberal de Viena no final do século XIX. Esse grupo recrutou seus líderes políticos no campo do Direito e da Ciência, onde ainda se mantinha forte a tradição austríaca pré-iluminista da Contra-Reforma. Dada a intensidade sacramental da religiosidade contra-reformista austríaca, sua cultura secular absorveu um caráter representativo, metafórico e, mesmo, teatral.

*Em plena era liberal quando o conteúdo religioso e autorizado da velha ordem aristocrática católica era amplamente rejeitado, o modo sensorial associado a ela continuou a se perpetuar nas estruturas de sentimento e expressão (SCHORSKE, Op.Cit: 147).*

O modo como os grupos dominantes, ou em ascensão, relacionaram o novo com o tradicional mostra quão particular foi a modernização dos centros brasileiros.

Modernidade e progresso fundiram-se num único ideal, tendo a cidade como principal palco. Já na primeira década do século XX, o Recife acolhia os novos projetos modernizantes do prefeito comendador Eduardo Martins Barros, mas é durante a gestão do prefeito Sérgio Loreto (1922-26) que se tornam claras as cores autoritárias com que se vai pintando a modernização recifense (REZENDE, 1997: 32-36). Com o Golpe de 1937, Agamenon Magalhães veio assumir a interventoria do estado de Pernambuco prometendo, logo em seu discurso de posse, trazer a “emoção do Estado Novo”. O desejo de

---

<sup>1</sup> Basta lembrar que, entre 1890 e 1930, São Paulo viveu uma acelerada urbanização improvisada em decorrência da especulação cafeeira. V. SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20**. São Paulo. Companhia das letras. 1998. p.106 – 127.

redimensionar a urbanização da capital pernambucana através das “modernas construções” também foi compartilhado por grupos da intelectualidade do estado. Aníbal Fernandes, assinando com o epíteto de “Z” em sua coluna no *Diário de Pernambuco*, lamentava-se, pois “o ano de 38 [1938] não marcou para o Recife um surto ponderável de edificações”, sugerindo que “deve haver uma cooperação mais estreita entre a iniciativa privada e o governo para um mesmo objectivo commum, que é augmentar a área edificada”<sup>2</sup>. O Regime iniciado procurou inocular novos costumes nos mais distintos grupos sociais. A construção da cidade moderna exigiu de seus cidadãos “sérios deveres a cumprir em relação à roupa que usa e ao perfume que põe no lenço” (ALMEIDA, 2001: 135), modernizar o Recife também foi modernizar o cidadão (SOUZA NETO, 2000: 34). A rua, nessa visão, deve produzir a estética do “progresso” e da “modernidade”. A “limpeza” dos espaços urbanos não demorou a ser sentida, essa função coube à secção de Repressão à Mendicância e Vadiagem de Menores, anexa à Delegacia de Vigilância Geral e Costumes, que, conforme mostra um jornal local, obteve magnífico êxito em prender, em janeiro de 1944, “vários indivíduos, ainda moços e gozando saúde, que esmolavam pela cidade. Também foram presos diversos menores jogando em bilhares”.<sup>3</sup>

Casa e rua são espaços que produzem representações e comportamentos distintos. Se na informalidade do lar edificam-se referências às relações calorosas, familiares e aconchegantes, a rua associa-se ao anonimato, à insegurança, às leis e à polícia (DA MATTA, 1994: 31). As ruas do Recife deram as dimensões do imenso palco do *teatro social*. O sair para ser visto – e naturalmente, bem visto – permite afirmar que a preocupação com o olhar do outro foi elemento presente no jogo das representações sociais da capital pernambucana ao longo de todo o Estado Novo.

### 3 – A CIDADE E O “OUTRO”

O desejo de ser visto e o culto à aparência exterior são aspectos de uma mesma questão, a importância da visão do outro. Já no primeiro ano do regime estadonovista em Pernambuco pode-se observar uma notável quantidade de propagandas apelando à “boa aparência”. Revelam, estes anúncios, mais que vaidade desinteressada contida no seio

<sup>2</sup> “Z”. *DIARIO DE PERNAMBUCO* in: “Revista da Imprensa”. *JORNAL DO COMMERCIO*.04/01/1939. p.2.

<sup>3</sup> n/a. “Repressão a vadiagem e a falsa mendicancia”. *JORNAL PEQUENO*. 21/01/1944. p.4.

social, demonstram a existência de um padrão de reputação firmado no “bom aspecto” e que, na plástica das relações desta sociedade, este elemento fez-se presente através da mensura do trato. Quando as *Lojas Paulistas* utilizam em seu anúncio comercial a chamada “As senhoras e senhorinhas da elite pernambucana usam finos tecidos das Lojas Paulistas”<sup>4</sup>, pode-se dizer que as normas do “bom gosto” mantiveram-se regidas pelas elites, imprimindo ainda o devido formato ao decoro social. Foi essa forma que prevaleceu também como referência de decência ao comportamento dos indivíduos de grupos inferiores. Para Sartre, “há qualidades que nos chega unicamente através do juízo dos outros” (*In*: BOURDIEU. 1999: 108).

As funcionárias domésticas no Recife, não raro de origem interiorana, foram mais um elemento do jogo das representações no momento em que supriam as necessidades do consumo conspícuo do serviço alheio. Thorstein Veblen, em seu estudo sobre as classes ociosas, observa que, nas famílias dos grupos de médio potencial econômico das sociedades modernas, apenas a esposa cumpre as obrigações do ócio e do consumo pelo marido, estando os esforços da dona de casa orientados pela norma de consumo supérfluo (VEBLEN, 1965: 85-86). A concorrência pecuniária, portanto, é notavelmente expressa no “desperdício”.

Os eventos sociais foram sensivelmente marcados pelo norteamento dos “bons hábitos”, dignos de distinção social. A 1ª Exposição de Orquídeas do Recife exemplifica como a Diretoria de Estatísticas, Propaganda e Turismo da Prefeitura do Recife, patrocinadora do evento, põe em relevo o que é uma atividade digna de distinção. A exposição “representou um acontecimento para a vida artístico-social do Recife”<sup>5</sup> e contou com o “comparecimento de autoridades, representantes da imprensa e do rádio, colecionadores e pessoas convidadas, cabendo ao Prefeito Novais Filho declarar inaugurada a referida exposição”.<sup>6</sup> Festas, exposições, comemorações e reuniões cobriram-se com os signos da distinção.

As colunas de moda, presente nos periódicos, mantiveram a sociedade pernambucana atualizada com as principais tendências, não apenas da capital brasileira como também dos grandes centros mundiais, como Londres, Paris e Nova Iorque. Anuncia um jornal: “Um ‘yankee’ dita as regras sobre a indumentária feminina, na côrte britânica” e

<sup>4</sup> “**Lojas Paulistas**”. *Folha da Manhã*, Edição Matutina. 03/12/1938; p.18

<sup>5</sup> *n/a*. “Inaugura-se hoje, a primeira Exposição de Orquídeas no Recife.” *Jornal Pequeno*. 13/03/1944. p.3.

<sup>6</sup> *n/a*. “Inaugura-se hoje a Primeira Exposição de Orquídeas no Recife”. *Jornal Pequeno*, 11/03/1944. p.2.

mais abaixo, “proibidos os decotes e outros trajos pouco cerimoniais”<sup>7</sup>. O gosto da elite local foi, de certa maneira, moldado pelo uso e hábito de grupos abastados de outras localidades. Longe de predileção espúria ou hipócrita, mostra-se um “gosto pelo reputadamente correto, não pelo esteticamente verdadeiro” (VEBLEN, Op. Cit: 139-140). O mercado moderno aderiu elementos simbólicos honoríficos de forma tão ampla em suas mercadorias que passa a ser impensável, conforme pretendeu Diógenes, suprir as necessidades mais elementares sem consumir o simbolismo presente no produto (Idem: 150). O estrangeirismo contido no anúncio das *Pérolas Titus*, “resultado do progresso da medicina alemã”<sup>8</sup>, ou a cientificidade presente no *Leite Maltado Nestlé*, “cientificamente dosado nos seus elementos”<sup>9</sup>, mostrados em suas propagandas, atestam como nada escapou aos valores agregados da modernidade.

O deslocar-se dentro do universo social exigiu, para uma reputação distinta, a apropriação de aspectos característicos que possam ser identificáveis e representados no *modus vivendi*, conforme aqueles norteados pela decência social predominante. O imaginário social ganha autonomia diante do próprio *corpus* da sociedade onde opera. Cornelius Castoriadis explica que

a própria classe dominante está em situação de alienação: suas instituições não têm com ela a relação de pura exterioridade e de instrumentalidade que lhe atribuem às vezes marxistas ingênuos, ela não pode mistificar o restante da sociedade com sua ideologia sem mistificar-se a si mesma ao mesmo tempo. (CASTORIADIS, 1982: 139)

Compreendendo a dominação externa, Freud identifica categorias da ordem repressiva social dentro do campo “subjetivo”, natural então que, em seu raciocínio, o inconsciente reprimido esteja ligado ao campo pulsional (ROZITCHNER, 1989: 19). A busca de sentido para o desdobramento das ações humanas ganha significativa profundidade a partir do pensamento freudiano. A psicologia, nesta perspectiva, aparece como ciência histórica “constituindo o indivíduo como o lugar onde se verifica e se debate o sentido da história, sem o qual a conduta se converte em in-significante” (Idem: 19-20).

<sup>7</sup> n/a. “Um ‘Yankee’ Dita as Regras Sobre a Indumentaria Feminina, na Côrte Britânica”. *Jornal do Commercio*. 04/12/1938, Segunda Secção (capa).

<sup>8</sup> “O SEGREDO DA LENGEVIDADE”. *Diário de Pernambuco*. 01/12/1938; p.5

<sup>9</sup> “Não É Cansaço É Fome...”. *Jornal do Commercio*. 04/12/1938; p.5



Folha da Manhã, ed. Vesp. 04/09/1942, p. 04.

A propaganda da *caneta-tinteiro Parker Vacumatic* – “esta caneta-tinteiro aristocrática é uma tentação (...) pena de ouro 18k com ponta de osmirídio”<sup>10</sup> – está centrada sobre seu caráter “aristocrático”. A posição que ocupa a caneta *Parker Vacumatic* entre suas concorrentes é colocada a partir da hierarquia social, ou seja, a feição social que assume o objeto iguala-se a feição social dos indivíduos. Rozitchner esclarece que “nosso aparato psíquico, aquele nos proporciona nosso próprio funcionamento como sujeitos, é congruente com a forma de aparecer dos objetos sociais” (ROZITCHNER, Op. Cit: 23).

Para Freud, o aparato psíquico é marcado pelo dualismo inscrito através da censura. É na individualidade do sujeito que se prolonga o campo da dominação e do exercício do poder exterior. A racionalidade aparece como ponto máximo da repressão do poder próprio, da corporeidade, que passará a agir dentro dos limites impostos pela censura. É a partir dessa forma de agir, limitada pela repressão, que se consolida o comportamento tido como “normal”. A loucura, por assim dizer, é o “transbordamento” dessa barreira de contenção do próprio indivíduo (Idem: 30-31).

Fortificantes e alimentos selecionados impõem pela “boa nutrição” a identidade do corpo. O aparelho disciplinar corrige e modela o corpo, a fisionomia, “faz os corpos dizerem o código” (DE CERTEAU. 2002: 240). A lei joga com o corpo, “dá-me o teu corpo e eu te darei sentido, dou-te um nome e te faço uma palavra do meu discurso” (Idem: 242). O poder da lei aloja-se no desejo de trocar a carne por um corpo glorioso, transformando-o numa palavra reconhecida.

Embora seja evidente o autoritarismo da política de norteamericanos de hábitos na interventoria de Agamenon Magalhães, o cerceamento individual não pode ser atribuído unicamente ao regime em voga, ou mesmo ao *modus vivendi* “sugerido” pelas elites pernambucanas. Freud lembra que se existe repressão ela deve ser buscada ali onde o sujeito forma sistema com ela, que “eu sou, para mim mesmo, o repressor” (ROZITCHNER, Op. Cit: 31). Tendo se edificado no formato despótico, a “lei do outro” passa a regular a dinâmica do pensamento e da ação individual. Assim, a sociedade inibe os desejos

<sup>10</sup> “A Maravilha do Seculo”. *Diario de Pernambuco*. 04/12/1938; p.3



individuais como condição *sine qua non* para incluir o sujeito na história e nas relações com seus iguais, é o outro quem determina o pensar e o sentir. Ora, se o outro aparece a partir do próprio indivíduo, por ter esse indivíduo se identificado com ele, toda tentativa de alongar as fronteiras do próprio ser deste indivíduo torna-se uma negação do outro que está nele contido como base de sua própria identidade. O distanciamento do outro, presente na identidade individual, implica para esse sujeito o próprio deixar de ser, de existir. Se ser de outro modo significa não ser, essa ousadia traz o que Freud chamou de “angústia de morte” (Idem: 44).

O pensamento freudiano posiciona-se para além do isolacionismo disciplinar, toma para si uma argumentação filosófico-política, inscreve-se no que Merleau-ponty definiu como “psicologia transcendental” (In: ROZITCHNER. Op. Cit: 28).

As considerações sobre representações sociais em Pierre Bourdieu também nos são de fundamental relevância, uma vez que supera as limitações das duas principais orientações as quais lidam com o problema: a kantiana – Durkheim, Levy-Strauss –, que considera a cultura com seus simbolismos instrumento de comunicação e responsável por um conhecimento consenso; e a marxista de contribuição webberiana, onde a cultura e seu sistema simbólico são concebidos como instrumento de poder e legitimação.

Para Bourdieu,

somente na medida em que tem como sua função lógica e gnosiológica a ordenação do mundo e a fixação de um consenso a seu respeito, é que a cultura dominante preenche sua função ideológica – isto é, política –, de legitimar uma ordem arbitrária. (BOURDIEU. 1999: XII.)

Toda seleção cultural de um grupo que define o sistema simbólico é arbitrária, uma vez que nem a estrutura nem a função desta cultura derivam de um princípio universal, mantém-se distante de qualquer relação interna com a “natureza das coisas” ou com a “natureza humana”. Ao inscrever-se o sistema simbólico no campo da arbitrariedade, todo objeto, regra ou valor sofre influência do arbitrário.

Ao rejeitar o princípio da universalidade para com o sistema de significação, Bourdieu resgata a noção de valor assumida por Friedrich Nietzsche, o qual defendeu que os valores não são eternos, universais, transcendentais ou metafísicos, mas criações humanas. A “dança cósmica”, de Nietzsche, remete à agitação devastadora de idéias herdadas e valores imóveis, aguçando a imaginação para a historicidade do homem e para a temporalidade das verdades tidas como eternas. Para Nietzsche, o mais radical

formulador da crise do racionalismo moderno (REIS, Op.Cit: 42.), a verdade é um erro que, por não conseguir ser refutado, findou por cristalizar-se como tal.

Bourdieu recusa a separação econômico/não-econômico, acreditando que a ciência das práticas econômicas é na verdade uma ciência geral da economia das práticas. As empresas simbólicas focam seu trabalho na produção de bens que buscam “naturalizar” a ordem vigente. A função do processo de simbolização é, portanto, legitimar e justificar a unidade do sistema de poder, oferecendo-lhe uma reserva de símbolos suficientemente necessário à sua expressão (MICELI. In: BOURDIEU, Op. Cit.: LIV).

Tanto Bourdieu quanto Freud voltaram-se para os conflitos das relações sócio-econômicas do sistema capitalista a fim de explicar – no caso do primeiro – a dinâmica do simbolismo social e – quanto ao segundo – a interiorização do poder pelo sujeito.

#### 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema de significações predominante no Recife do Estado Novo contou com difusos vértices de produção. O governo agamenonista, considerado um modelo de interventoria (LIMA Jr. In: SOUZA NETO. Op. Cit.: 10), esforçou-se muitas vezes em policiar tradições e velhos costumes, seja quando deslocava os moradores das palafitas, através da “Liga Social Contra o Mocambo”, ou quando perseguia as manifestações culturais afro-brasileiras. A *Folha da Manhã* – jornal oficial do regime – imprimiu um sentido pretendido pelo Estado a cada signo, restando ao povo, contudo, dar seus próprios significados ao processo de reestruturação social em andamento, interpretando com sua particular subjetividade as metamorfoses da cidade.

Além das investidas estatais, as elites também ocuparam posição importante na “coordenação” do simbolismo, mesmo que, como visto, alienando-se simultaneamente. Uma modernidade conveniente, nem sempre alinhada àquela vivida na Europa, permitiu arquitetar um aparelho disciplinar fundamentado no imaginário, perpetuante da ordem social estabelecida.

Não se pode afirmar, contudo, que os grupos economicamente desfavorecidos tenham-se colocados como “fantoques” na mão dos poderes dominantes. O retorno dos desalojados pelo governo aos seus antigos mocambos, ou o prolongamento de “arcaicos

hábitos” nas novas moradias ou mesmo em espaços públicos mostram que o projeto governamental não foi tão amplamente vitorioso como costumava divulgar a imprensa oficial. Nos recônditos periféricos da cidade, a resistência consagrou sua (re)significação diante dos poderes predominantes. Se o Recife da primeira metade do século XX recebia a modernidade num contexto de mudanças políticas, econômicas e sociais, ela também não se fez inflexível às manobras dos poderes.

## REFERÊNCIAS

### Fontes.

#### 1. Jornais

*DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, dezembro de 1938 à dezembro de 1942. Local: Fundação Joaquim Nabuco – Fundaj.

*FOLHA DA MANHÃ*. (Edição matutina), dezembro de 1938 à dezembro de 1945. Local: Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano. APEJE.

*FOLHA DA MANHÃ* (Edição vespertina), dezembro de 1938 à dezembro de 1945. Local: Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano. APEJE.

*JORNAL DO COMMERCIO*, dezembro de 1937 à dezembro de 1943. Local: Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano. APEJE e Fundação Joaquim Nabuco – Fundaj.

*JORNAL PEQUENO*, dezembro de 1937 à dezembro de 1945. Local: Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano. APEJE.

#### 2. Revistas.

*BOLETIM DA IMPRENSA OFICIAL*. Ano I, No. 1, outubro/1938  
Local: Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano. APEJE.

*MODERNO*. Afogados, Ano I, No. 1, 14/08/1938  
Local: Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano. APEJE.

*O REPORTER*. Recife, Ano I, No. 8, 18/12/1937  
Local: Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano. APEJE.

## Bibliografia

ALMEIDA, Maria das G. A. A de. *A Construção da Verdade Autoritária: Palavras e Imagens da Interventoria de Agamenon Magalhães em Pernambuco (1937-1945)*. São Paulo. Humanitas/USP. 2001.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar*. 2º. Edição, São Paulo. Companhia das letras. 2005.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 5º. Edição, São Paulo. Perspectiva. 1999.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia*. 7º. Edição, São Paulo. UNESP. 1990.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1982.

CASTRO, Hebe. "História Social" in: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História – Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro. Campus. 1997.

DA MATTA, Roberto. *O Que faz o Brasil Brasil?* Rio de Janeiro. Rocco. 1994.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *Indústria, Trabalho e Cotidiano no Brasil – 1989 a 1930*. 4º. Edição, São Paulo. Atual. 1991.

DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. 2º. Edição, Rio de Janeiro. Forense. 2002.

\_\_\_\_\_. *A Invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer*. 7º. Edição, Petrópolis. Vozes. 2002,

DOSSE, François. *A História em Migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo. Ensaio. 1992.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos - Vol. II - Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. 2º. Edição, Rio de Janeiro. Forense. 2005.

\_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*. 11º. Edição, São Paulo. Edições Loyola. 2004.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. 18º. Edição, Rio de Janeiro. Graal. 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4º. Edição, Campinas. UNICAMP. 1996.

PANDOLFI, Dulce Chaves. *Pernambuco de Agamenon Magalhães*. Recife. Massangana. 1984.

REIS, José Carlos. *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. 3º. Edição, Rio de Janeiro. FGV. 2006.

REVEL, Jacques. *A Invenção da Sociedade*. Lisboa. DIFEL. 1989.

REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)encantos Modernos: História da Cidade do Recife na Década de Vinte*. Recife. FUNDARPE/CEPE. 1997.

ROZITCHNER, Leon. *Freud e o Problema do Poder*. São Paulo. Escuta. 1989.

SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a História: Indagações na Passagem para o Modernismo*. São Paulo. Companhia das Letras. 2002.

\_\_\_\_\_. *Viena fin-de-Siècle: Política e Cultura*. 4<sup>o</sup>. Edição, São Paulo. Companhia das Letras. 1988.

SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil, vol.3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo. Companhia das Letras. 1998.

\_\_\_\_\_. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20*. São Paulo. Companhia das letras. 1998.

SOUZA NETO, José Maria Gomes de. *Engenhos de Sons, Imagens e Palavras: Ditadura e Propaganda na Primeira Metade do Século XX*. Dissertação de Mestrado. Recife. UFPE/CFCH. 2000.

VEBLÉN, Thorstein. *A Teoria da Classe Ociosa: um Estudo Econômico das Instituições*. São Paulo. Livraria Pioneira Editora. 1965.

Recebido em: 02/09/2007

Aprovado em: 05/10/2007